

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

A CENTRALIDADE DO RACISMO E DO SEXISMO NO DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NO BRASIL

Questão social e questão étnico-racial

Paolla Galollete Silva (Universidade Federal de Juiz de Fora)¹
paollajf@gmail.com

RESUMO: O artigo examina a formação social brasileira a partir da inter-relação entre colonização, racismo e sexismo, destacando a centralidade da exploração racial e de gênero na consolidação do capitalismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Formação sócio-histórica brasileira; Racismo; Sexismo; Violência.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

A partir da análise dos processos de transição do trabalho compulsório para o trabalho livre, este estudo propõe uma reflexão crítica sobre a constituição do modo de produção capitalista no Brasil, evidenciando como ele se estruturou a partir da exploração sistemática da força de trabalho e da intersecção entre os marcadores sociais de raça, classe e gênero. A investigação parte do entendimento de que tais categorias não atuam de forma isolada, mas articulam-se historicamente, sendo elementos fundamentais para compreender as permanências e as atualizações das formas de dominação, exploração e violência que caracterizam a sociedade brasileira.

Tomando como principais referências teóricas os trabalhos de Ianni (1978), Gonzalez (2019, 2020) e Nascimento (2019), busca-se desvelar os mecanismos históricos que consolidaram a supremacia branca e a marginalização sistemática das populações racializadas e generificadas no país. O objetivo é evidenciar como a exploração racial e de gênero não apenas sustentou a formação do capitalismo brasileiro, mas segue reproduzindo desigualdades e violências nos dias atuais, com especial incidência sobre os corpos e vidas das mulheres negras.

¹ Assistente Social. Mestre e doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

A pesquisa apresentada é fruto da dissertação de mestrado na qual analisei a formação social brasileira a partir da articulação entre colonialismo, racismo e sexismo, com ênfase na trajetória histórica das mulheres negras. O estudo buscou evidenciar como a exploração racial e de gênero constituiu um eixo estruturante do processo de consolidação do capitalismo no Brasil, bem como a forma pela qual essa exploração se atualiza na contemporaneidade, perpetuando múltiplas formas de violência sobre os corpos e as vidas das mulheres negras.

Metodologicamente, o trabalho adota uma abordagem qualitativa, com enfoque em pesquisa bibliográfica e análise sócio-histórica. Foram analisados textos clássicos e contemporâneos que discutem a constituição do capitalismo no Brasil a partir das relações de raça, classe e gênero. A análise é orientada por uma perspectiva interseccional, evidenciando como esses marcadores foram — e permanecem — fundamentais na produção e reprodução das desigualdades sociais e violências estruturais.

RESULTADOS.

Segundo Ianni (1978), a análise de como o mercantilismo contribuiu para a emergência do capitalismo exige a compreensão do movimento histórico das forças produtivas e das relações sociais de produção. Nesse processo, a acumulação primitiva não apenas expressa as condições materiais da transição ao capitalismo, mas também revela a violência estrutural que sustentou sua formação. A constituição simultânea do trabalhador livre na Europa e do trabalhador escravizado nas Américas evidencia que a expansão capitalista esteve indissociavelmente vinculada a processos de expropriação, dominação e subordinação de amplos contingentes populacionais.

Nesse sentido, “ao longo dos séculos XVI e XVII, tratava-se do relacionamento entre o mercantilismo e as distintas formas de trabalho compulsório; depois, ao longo dos séculos XVIII e XIX, tratava-se do encadeamento e antagonismo entre escravidão e capitalismo” (IANNI, 1978, p. 14). Assim, é possível afirmar que, do século XVI ao XIX, os movimentos internos e externos das formações sociais escravistas nas Américas foram fortemente condicionados pelas exigências de reprodução do capital europeu, primeiramente sob a lógica mercantilista e, posteriormente, sob a lógica industrial.

Partindo da compreensão do processo de acumulação capitalista e da colonização da América, cujo eixo estruturante se assentou no escravismo como forma de desenvolvimento das



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

forças produtivas e econômicas, avança-se para a análise do racismo e do sexismo como pilares constitutivos da formação do capitalismo no Brasil.

Nesse sentido, é possível afirmar que o racismo foi gestado enquanto ideologia de dominação, operando como um mecanismo de desumanização e inferiorização das populações não brancas. Esse processo, profundamente marcado pela herança colonial escravocrata, consolidou-se como elemento estrutural do desenvolvimento capitalista, sustentando não apenas a lógica de acumulação nos países periféricos, mas também a formação, estabilização e expansão do capitalismo em escala mundial.

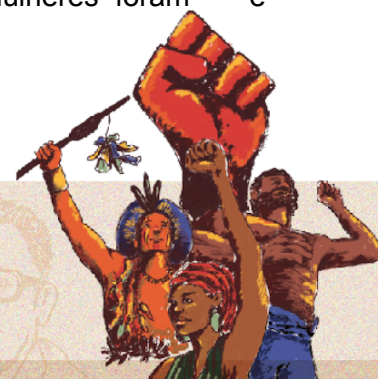
Dessa maneira, as especificidades do processo de consolidação do modo de produção capitalista no Brasil revelam que o projeto de construção nacional esteve orientado não apenas pela lógica da acumulação, mas também pela intenção de edificar uma nação branca, ocidentalizada e cristã, o que implicou a imposição de violências brutais e sistemáticas contra a população negra, Alves (2018).

Paralelamente ao racismo, o sexismo consolidou-se como estrutura fundamental de dominação e opressão, erguida desde o período colonial e perpetuada até os dias atuais. A experiência de ter a pele não branca e pertencer ao gênero feminino definiu, historicamente, os lugares sociais ocupados, as vivências e as violências sistematicamente sofridas.

Nesse sentido, González (2019) destaca que o racismo latino-americano, por meio da ideologia do branqueamento — amplamente veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais —, consolidou a crença dos valores ocidentais como universais.

Dessa forma, no cerne do capitalismo, identifica-se não apenas a relação entre trabalho assalariado e escravidão, mas também uma dinâmica mais ampla entre acumulação, destruição e divisão racial e sexual da força de trabalho. Nesse quadro, as mulheres negras pagaram o preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas.

Inseridas em relações sociais atravessadas simultaneamente pelo racismo e pelo sexismo, as mulheres negras ocuparam — e ainda ocupam — os postos mais precarizados, com as menores remunerações e maiores exposição às diversas formas de violência (GONZALEZ, 2019). Nesse sentido, o racismo e o sexismo não apenas sustentaram o processo de exploração, mas também reforçaram e naturalizaram as violências estruturais a que as mulheres foram — e



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

continuam sendo — submetidas, na medida em que o poder foi historicamente exercido majoritariamente pelos homens brancos.

Desse modo, conforme analisa Nascimento (2019), em uma sociedade como a brasileira, na qual a dinâmica do sistema econômico estabeleceu uma rígida hierarquia de classes, o critério racial constituiu-se como um dos mecanismos centrais, relegando as populações negras, especialmente as mulheres, aos estratos mais baixos da estrutura hierárquica por meio do racismo e do sexismo.

Nas favelas, nas periferias, nas prisões, nos manicômios, na prostituição, nas cozinhas das elites e nas frentes de trabalho nordestinas, talvez nunca se tenha ouvido falar diretamente de direitos de cidadania. No entanto, como ressalta Gonzalez (2020), há uma consciência profunda do que significa ser mulher, negra e pobre em uma sociedade marcada por múltiplas formas de exclusão e violência.

Diante desse quadro, torna-se imprescindível reconhecer que o racismo e o sexismo não são resquícios do passado, mas elementos vivos que estruturam a cultura, a economia e as relações sociais brasileiras. As marcas da colonialidade, da escravidão e da subalternização feminina não apenas permanecem, como também se renovam e se adaptam às dinâmicas contemporâneas de exploração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A análise da formação do capitalismo brasileiro, articulada aos eixos de raça e gênero, evidencia que o racismo e o sexismo constituíram-se como elementos estruturantes da formação social e econômica do país. Desde o período colonial até os dias atuais, a exclusão, a exploração e a violência direcionadas às populações negras, indígenas e, em especial, às mulheres, sustentaram a lógica de acumulação do capital.

Reconhecer a centralidade das opressões raciais e de gênero na constituição da sociedade brasileira é fundamental para a construção de análises e práticas comprometidas com a superação das desigualdades. Assim, compreender a historicidade dessas estruturas torna-se um passo necessário para enfrentar os seus efeitos ainda tão presentes e para vislumbrar a construção de uma sociedade livre da violência, da exploração e da dominação que nos atinge cotidianamente.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO **ANTIRRACISTA** NO SERVIÇO SOCIAL

REFERÊNCIAS

ALVES, D. T. *A relação estrutural entre capitalismo e racismo: o genocídio da população negra enquanto projeto societário.* In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 16., 2018, Vitória- ES. UFES, 2018.

IANNI, Octavio. *Escravidão e racismo.* São Paulo: Hucitec, 1978.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. *A categoria político-cultural da Amefricanidade.* In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra e o amor.* In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

